

## RELATO DE EXPERIÊNCIA

### PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA: EXPERIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO DE SURDOS

Gisele Maciel Monteiro Rangel

Mestre/IFRS

giselemmrangel@gmail.com

#### RESUMO

O presente relato de experiência tem como objetivo problematizar a prática docente desenvolvida com alunos surdos. Habitados a um sistema tradicional de ensino, parte dos professores, utilizam as mesmas metodologias para ensinar todos os alunos. Este relato questiona e pretende apresentar possibilidades para repensarmos as práticas educativas, principalmente na Educação de Jovens e Adultos – EJA. Partindo da minha experiência surda e alinhada à perspectiva da educação de surdos, que valoriza a língua de sinais e as questões visuais da comunidade surda, dialogo sobre aprendizados proporcionados pelos alunos da EJA e as diferentes formas de valorização das experiências vividas.

**Palavras-chave:** Ensino de Surdos. Libras. Experiência Visual. Experiência Surda.

#### ABSTRACT

*This experience report aims to discuss the teaching practice developed with deaf students. Accustomed to a traditional educational system, part of the teachers, make use of these methodologies to teach all students in the same way. This report questions and presents possibilities to rethink the educational practices, especially in the Youth and Adult Education - EJA. Starting from my deaf experience, aligned to the perspective of deaf education, which values the sign language and visual issues of the deaf community, I present the learning provided by the EJA students and the several forms of valorisation of lived experiences.*

**Keywords:** Teaching. Deaf. Sign Language. Visual Experience. Deaf Experience.

## Introdução

Venho percebendo a importância da formação de cidadãos críticos e conscientes da realidade social devido à minha prática profissional. Sou professora surda, graduada em Geografia pela Universidade Luterana do Brasil - ULBRA/Canoas e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, atual doutoranda da Universidade Federal de Pelotas - UFPEL. Atuo como professora no Instituto Federal do Rio Grande do Sul - IFRS/Campus Alvorada, mas minha experiência docente iniciou-se em 1998, na Unidade Especial Concórdia - ULBRA.

Desde minha graduação aprendi muito com os alunos surdos e com os professores com que compartilhei ideias. Inclusive uma das minhas colegas da época foi minha professora quando eu era aluna na Unidade Especial Concórdia, localizada na cidade de Porto Alegre - RS, e muitas coisas aprendi com ela. Um exemplo destas trocas aconteceu quando fui contratada para trabalhar como professora de Libras na Escola de Aplicação da Universidade Feevale, na cidade de Novo Hamburgo - RS. Minha atuação era com alunos surdos e ouvintes no ensino fundamental. Na oportunidade, o professor de Geografia me convidou para participar com ele na sua disciplina. Naquela aula o tema era relevo e o professor oportunizou-me interagir com o aluno surdo na explicação do conceito de montanha. Fiquei muito satisfeita e feliz quando percebi que o aluno havia aprendido um conceito através da minha sinalização. Infelizmente não pude continuar atuando com este professor, pois eu não tinha horários disponíveis.

Durante o período da docência, trabalhei tanto com a disciplina de Geografia, quanto Estudos Sociais e História, no ensino fundamental e médio. Senti muita dificuldade para organizar minhas aulas, pois minha graduação na área de Geografia era voltada especificamente para o ensino de alunos ouvintes. Precisei, portanto, adaptar tudo o que havia aprendido para o ensino de alunos surdos.

Em 2005 fui aprovada no concurso do Centro Federal de Educação Tecnológica-CEFET <sup>49</sup>em São José - SC. Permaneci lá por seis anos, atuando nas turmas do PROEJA - Programa de Integração da Educação de Jovens Adultos e Educação Profissional, lecionando Geografia para alunos surdos. Fiquei impressionada com o fato de que eles tinham uma turma só deles. Dentre estes alunos havia identidades muito diferentes. Alguns deles eram traumatizados pelas escolas inclusivas, outros não gostavam de Português e alguns até se sentiam revoltados por ser quem eram. Os indivíduos são diferentes, e essa diferença está relacionada com as experiências de cada. Segundo Perlin (1998) é possível identificar

---

<sup>49</sup> Atualmente é chamado de Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC).

as pessoas surdas pelas diferenças que possuem. Elas são observáveis facilmente, entretanto, é com base nas formas de ser e viver no mundo que as identidades vão se constituindo.

Um dos alunos desta turma, por exemplo, foi morador de rua. Ele demonstrava grande interesse durante minhas aulas. Em função deste interesse, pesquisava muito na internet e trazia para a sala experiências que havia vivenciado, ligando-as com os conhecimentos discutidos em aula. Uma dessas experiências havia acontecido durante uma ‘visita’ que fez a um aeroporto e nas informações que obteve enquanto olhava as telas de embarque e desembarque. Isto me fez perceber a importância do Letramento. Soares (2002) salienta que o letramento não pode ser visto apenas como um conjunto de habilidades individuais, mas sim, como um conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os sujeitos se envolvem no seu contexto social. Percebi, portanto, a urgência em mudar meu método de ensino da Geografia.

Por muito tempo eu ensinei os conteúdos de maneira rígida, seguindo rigorosamente o plano de ensino que havia preparado. Acredito que, por isto, nunca me senti pronta o suficiente para ensinar. Quando decidi ser “parceira” dos alunos, esta transformação aconteceu. A partir desta mudança, comecei a utilizar metodologias baseadas na visualidade, com muitas imagens e o uso de esquemas do texto para facilitar sua compreensão. Também utilizo imagens em programas de apresentação, que facilita muito a aula, bem como vídeos que tranquilamente são encontrados na *internet*. Todas as estratégias convergem para o que Perlin (2006) chamou de Pedagogia dos surdos, que propõe questões relevantes à maneira de pensar o surdo como sujeito de sua própria história. Sobre a metodologia abordada, Vieira-Machado salienta que uma pedagogia visual pressupõe:

- a) a valorização da Língua de Sinais como a primeira língua do surdo;
- b) a não infantilização do conteúdo: um currículo acessível;
- c) a relação surdo-surdo: a constituição das marcas culturais e
- d) a busca por uma pedagogia visual e bilingüe. (2008, p.254)

Certamente os conceitos abstratos são os mais difíceis de explicar, como por exemplo, o conceito de localização. Para ilustrar, ao ensinar os estados brasileiros, alguns verifiquei que os alunos não conseguiam compreender devido à falta dos conhecimentos cotidianos que adquirimos ao viajar, por exemplo, ou seja, falta a questão do letramento. Por outro lado, alguns alunos que já haviam feito viagens contavam para os colegas suas experiências, pois vivenciaram algo e, ao relatar aos demais colegas, possibilitavam uma dinâmica mais ativa para a discussão dos conceitos em sala de aula.

A fim de compreender melhor a questão, conversei com alguns adultos para saber como havia sido sua experiência de aprender sobre localização. Eles relataram as estratégias de aprendizado, por exemplo, através de imagens na televisão que apareciam da Copa do Mundo e nas Olimpíadas, suas bandeiras, camisetas diferentes, etc. Nestes momentos havia legendas apresentando cada País e a localização. Outro surdo relatou que tem um mapa fixado na parede ao lado da cama e que todos os dias fica observando-o. Estas estratégias ajudam a localizar-se melhor no espaço. Fico impressionada ao perceber a criatividade de alguns surdos ao criar sinais para diversos lugares e adjetivá-los. É fantástico.

Ao perceber a trajetória dos surdos, vejo que os professores necessitam criar estratégias para conseguir fazer com que os alunos possam compreender o mundo. Retomo a um episódio, onde já se passavam algumas aulas e tinha tentado de diferentes formas explicar aos alunos sobre os estados e cidades mas enfrentava dificuldades. Não conseguia me fazer entender, até que um aluno organizou um material onde cada estado, assim que clicado, fica realçado no mapa do Brasil e com imagens, que apresentavam os estados, os alunos conseguiram compreender o que de outras tantas formas não conseguia fazê-los compreender. As metodologias de ensino foram modificadas ao longo do tempo, mas algo que não se pode modificar é auxiliar e incentivar-los através do letramento, ou seja, fazê-los compreender, através da metodologia escolhida, o que é e como é o mundo. Segundo Ramirez e Masutti (2009, p. 41),

O fracasso escolar do aluno relaciona-se com especificidades de aprendizagem. A partir dessa idéia é que se buscam no campo teórico referências que visem “resgatar uma visão mais globalizada do processo de aprendizagem e conseqüentemente, dos problemas desse processo” (SCOZ, 1994, p.23), procurando compreender o universo histórico e cultural e suas influências no processo de aprendizagem.

Durante minha adolescência o interesse pela Geografia não surgiu através da escola. A metodologia adotada pelos professores era muito tradicional e isto não despertava em mim o desejo de saber mais. O fato que me fez desejar conhecer mais sobre a Geografia foi um presente que recebi de minha mãe, um Atlas muito simples, mas que me fez ficar apaixonada e desejar viajar pelos diversos estados do nosso País. A maioria dos nossos parentes moravam em outras localidades e este Atlas me fez compreender onde eles estavam, e não o ensino que ocorria na escola. Isto me faz pensar o quanto a metodologia adotada nas escolas é ineficaz e não atinge, na maioria dos casos, a vida das crianças.

No caso de crianças ouvintes o letramento é menos complexo, já que pais e filhos utilizam a mesma língua. Segundo Martins (2003) “letrar” significa inserir a criança no mundo letrado, trabalhando com os diferentes usos de escrita na sociedade. Essa inserção começa muito antes da alfabetização propriamente dita, quando a criança começa a interagir socialmente com as práticas de letramento no seu mundo social: os pais lêem para ela, a mãe faz anotações, os rótulos indicam os produtos, reconhecidos nas prateleiras dos supermercados e na cozinha da casa.

Os surdos também precisam exercitar os usos da escrita na sociedade, mas geralmente eles não chegam com pré-conhecimentos na escola, já que a comunicação com os pais é deficitária. E esta era minha constante preocupação ao pensar em ensinar Geografia para alunos surdos. O que viria a seguir proporcionaria momentos onde eu pude colocar em prática soluções para esta preocupação.

Em 2011 retornei ao Rio Grande do Sul, onde continuei no Instituto Federal de Rio Grande do Sul – IFRS, mas agora no Campus Rio Grande. Os alunos surdos que lá estudam no PROEJA estão incluídos em turmas de ouvintes com a presença do intérprete, ou seja, uma turma inclusiva. O diretor propôs que, nas aulas de Geografia, os alunos surdos fossem retirados destas turmas e tivessem aulas especificamente comigo. Foi um desafio e um trabalho interessante. Este era o momento de colocar em prática minha metodologia diferenciada no ensino da Geografia. As aulas eram permeadas de questionamentos, um momento específico para que eles pudessem sanar todas as dúvidas que durante muito tempo rondavam suas mentes. Além de ensinar, aprendi muito com eles. Segundo Freire (1996, p. 12) “não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”.

Eu tinha duas turmas do Ensino Médio – PROEJA. Eram duas turmas muito diferentes. Mas preocupei-me em informar-lhes sobre coisas cotidianas, que serviriam para melhor entendimento do mundo. Considerei que isto era o mais importante naquele momento. Conversávamos sobre fatos e isto era o elo com a teoria. Dentre os assuntos de interesse estava o horário de verão e o porquê de ele acontecer. Eu utilizava diversos materiais visuais durante as aulas, principalmente vídeos da internet. Também utilizei um documentário de quatro surdos brasileiros que viajaram para a Índia e África do Sul.

Alguns surdos sentem a responsabilidade de compartilhar suas experiências entre si, como é o caso da paulista Claudia Hayakawa, autora do documentário que utilizei com os alunos. Ela viaja seguidamente

para diversos estados e países. Para divulgar suas viagens e informar outros surdos sobre esta diversidade cultural, ela criou o blog “O mundo na minha mochila”<sup>50</sup>. Neste blog ela apresenta diversos vídeos de lugares por onde viajou, além de belas fotos. Ela também produz DVDs sinalizados, mas com legenda em Português e os comercializa para conhecimento e promoção cultural. Claudia sempre é convidada para palestrar em eventos, encontros, congressos, cursos, etc. Conversamos muito após cada vídeo. Portanto, procurei atrelar as questões teóricas com assuntos mais próximos ao cotidiano deles.

Quando questionava sobre o que sabem sobre as problemáticas informações sociais respondem-me, geralmente, sobre o aquecimento global, como se ele fosse o culpado de todas as problemáticas sociais e ambientais que assolam nosso planeta. Eles não são alunos críticos em relação a estas questões, não são ainda capazes de analisar e discorrer sobre elas.

O principal fator para esta falta de visão crítica deve-se ao fato de que muitos de nós, surdos, possuímos poucas informações de mundo em virtude da nossa língua ser diferente dos ouvintes. Nossa primeira língua é a Língua Brasileira de Sinais, a LIBRAS, que já é oficial em nosso País desde 2002, através da Lei 10.436. Esta língua é visual-gestual, percebida através da visão, pois nossa maneira de nos relacionarmos e experienciarmos o mundo é através do canal visual. Este já é um ponto fundamental que nos diferencia dos ouvintes e que nos faz não ter tantos conhecimentos como eles, uma vez que a maior parte das informações são expressas em língua portuguesa por via oral ou escrita. A língua portuguesa é uma segunda língua para o surdo e sua aprendizagem não se dá nos mesmos moldes que os ouvintes para os quais ela é a primeira língua. Neste sentido, Lodi e Moura (2006, p. 02) tratam da educação bilíngue, mas primordialmente afirmam a necessidade de:

[...] inicialmente, os surdos devam desenvolver a língua de sinais como primeira língua (L1), no contato com surdos adultos usuários da língua e participantes ativos do processo educacional de seus pares. A partir da L1, os surdos são expostos ao ensino da escrita da língua majoritária e, para tal, toma-se como base os estudos sobre ensino-aprendizagem de segunda língua (L2) e os trabalhos sobre ensino de línguas para estrangeiros. [...].

A inserção dos surdos na sociedade acontece da mesma maneira, ou seja, com barreiras intermináveis, pois a sociedade é ouvinte, é feita, criada, adaptada especificamente para quem possui uma língua oral-auditiva. Portanto os surdos precisam criar estratégias para conviver nesta

50 Fonte: <<http://omundonaminhamochila.wordpress.com/>> Acesso em 20 ago. 2013.

sociedade. E o espaço escolar que deveria ser onde os surdos teriam o apoio e as informações necessárias de mundo, nem sempre possibilita isso. Muitas escolas utilizam métodos que não são adequados e adaptados aos surdos, pois a inclusão nem sempre permite esta abertura. Também algumas escolas não fazem as adaptações metodológicas que necessitamos, adotando os mesmos métodos tradicionais para todos os alunos.

Com a política inclusiva do Ministério de Educação e Cultura - MEC, os surdos são obrigados a frequentar as escolas regulares. Este não é o pior problema. A questão fundamental reside em saber se a escola oferece uma metodologia bilíngue para os surdos. Segundo Quadros (2005, p. 35)

(...) o bilingüismo na educação de surdos representa questões políticas, sociais e culturais. Nesse sentido, a educação de surdos em uma perspectiva bilíngüe deve ter um currículo organizado em uma perspectiva visual espacial para garantir o acesso a todos os conteúdos escolares na própria língua da criança, a língua de sinais brasileira. É a proposição da inversão, assim está-se reconhecendo a diferença. A língua passa a ser, então, o instrumento que traduz todas as relações e intenções do processo que se concretiza através das interações sociais.

A escola, portanto, precisa conhecer a estrutura desta pedagogia voltada e adaptada aos surdos para que possam utilizar meios de ensino efetivos, que de fato atinjam o objetivo de ensinar de acordo com a sua especificidade. Assim como os ouvintes, os surdos também precisam ser estimulados a pensar e posicionar-se criticamente frente às questões sociais, ambientais, políticas. A utilização de uma metodologia específica significa um respeito à diferença surda. A criticidade que precisamos auxiliar estes alunos a desenvolver nos remete à pedagogia de Paulo Freire, cuja proposta nos provoca a considerar os conhecimentos advindos (ou a falta deles) da realidade destes alunos, valorizando-os e construindo novos conhecimentos a partir deste ponto.

Atribula-me o fato de imaginar até quando os alunos surdos irão ficar aquém destas questões, desconhecendo maneiras necessárias de melhor participação e vida planetária. Assusta-me, também, o fato de imaginar que eu, que me considerava conhecedora de diversas questões, não sou uma cidadã que colabora para a vida no planeta, pois meus hábitos nem sempre condizem com sua necessidade.

Sugiro, portanto, que é necessário que nós professores acompanhemos mais de perto os alunos surdos, já que para eles o letramento é tão necessário, mas inatingível sem mediação. Para que isto aconteça, também é necessário que o professor seja fluente em Libras, bilíngue. Isto o aproximará de seus alunos. É a maneira que me sinto em relação aos meus: próxima. Precisamos nortear nossas aulas

pelo currículo, mas sempre de maneira a torná-lo significativo para os alunos, próximos, vivenciados.

Enfim, é de suma importância que o professor possa alçar a realidade e expô-la em consonância com os conteúdos, construindo o saber coletivo entre as pessoas surdas.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto n. 5.626 de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei n. 10.436, de 24 de Abril de 2002, Que Dispõe Sobre a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, e o Art. 18 da Lei n. 10.098, de 19 de Dezembro de 2000. In: **Diário Oficial da União**, Brasília, n. 246, p. 28, 23 de dezembro de 2005. Seção 1.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia** - Saberes Necessários à Prática Educativa. Editora Ega, 1996. Disponível em: <[http://www.lettras.ufmg.br/espanhol/pdf%5Cpedagogia\\_da\\_autonomia\\_-\\_paulofreire.pdf](http://www.lettras.ufmg.br/espanhol/pdf%5Cpedagogia_da_autonomia_-_paulofreire.pdf)> Acesso em: 14 nov. 2014.

LODI, A. C. B.; MOURA, M. C. de. **Primeira língua e constituição do sujeito**: Uma transformação Social. ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v.7, n.2, p.1-13,2006.

MARTINS, A. **Alfabetização e letramento**. Disponível em: <<http://www.brazcubas.br/professores/alice/download/texto2s4.doc>> Acesso em:26 abr. 2012.

PERLIN, G. **Histórias de vida surda**: identidades em questão. Dissertação de mestrado do programa de pós-graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. UFRGS/FACED, Porto Alegre: 1998.

QUADROS, R. M. de. O bi do bilingüismo na educação de surdos In: **Surdez e bilinguismo**.1 ed.Porto Alegre: Editora Mediação, 2005, v.1, p. 26-36.

RAMIREZ, G. A. e MASUTTI, M. L. **A Educação de surdos em uma perspectiva bilíngüe**: Uma experiência de elaboração de softwares e suas implicações pedagógicas. Editora da UFSC, Florianópolis, 2009.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

VIEIRA-MACHADO. L. M. da C. Narrar e pensar as narrativas surdas capixabas: o outro surdo no processo de pensar uma pedagogia. In: **Estudos Surdos III** / Ronice Müller de Quadros (organizadora). Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2008.

*Recebido em: 27/07/2014*

*Aprovado em: 29/11/2014*